

O FIM DO MUNDO AINDA DEMORA: NOVAS MISSIVAS EM NOME DE JACQUES DERRIDA, A PARTIR DA LITERATURA

Fabio Pomponio Saldanha*
saldanha.fabio@gmail.com
Universidade de São Paulo

Resumo: O artigo tem três movimentos concomitantes, que buscam se relacionar a partir de uma não sobreposição entre teoria e prática, quando da análise de excertos literários em torno de escritas do luto. Em um primeiro momento, apresentam-se pressupostos derridianos em torno do fim do mundo, não como uma categoria total, ou seja, o Mundo, mas sim de uma equalização segundo a qual, a partir da morte de uma pessoa amada, se chega ao fim de um mundo, específico. Nesse instante, pensa-se, correlato ao primeiro movimento, o segundo, que apresenta certas passagens de *O ano do pensamento mágico*, de Joan Didion, e *Aos prantos no mercado*, de Michelle Zauner, de modo tanto a conseguir dar continuidade ao pensamento derridiano, quanto complicá-lo, colocar outras tantas questões à equalização do momento anterior. Por fim, sugere-se o oposto, a partir da noção segundo a qual se entende que o Mundo, quando descrito como um só, é uma versão eurocentrada e Moderna do mesmo, tendo como ápice o Antropoceno, vendo no fim do Mundo uma ideia positiva, bem-vinda, por colocar como fim também a experiência colonial, racista, que sustenta o projeto de Modernidade. Esse movimento é amparado pela obra de Jennette McCurdy, *I'm glad my mom died*, antes do fim do texto, que arremata os movimentos anteriores e tenta, assim, pensar o fim do mundo como uma chave interpretativa dos vivos, de si para si.

Palavras-chave: Jacques Derrida. Luto. Fim do mundo. Escrita da perda.

1 Introdução¹

Entender as formas como o fim do mundo pode vir a significar o fim do Mundo é insistir, de certa maneira, que tal evento não só se torna necessário, como também

* Fabio Pomponio Saldanha desenvolve pesquisa de Doutorado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC), na Universidade de São Paulo (USP), com financiamento concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2022/15480-7. É graduado em Letras (Português-Japonês) pela mesma Universidade. E-mail: fabio.saldanha@usp.br.

¹ Este trabalho é fruto de uma bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2022/15480-7. Uma versão anterior do mesmo fora apresentada como requisito de nota em disciplina cursada na Universidade de São Paulo (USP), ministrada pela professora Andrea Saad Hossne, a quem agradeço a leitura e indicações feitas. Tanto a versão entregue lá, quanto a expandida aqui, foram lidas por Ariadne C. dos Santos, a quem agradeço o carinho, atenção e indicações, como sempre, preciosas. Reitero que, mesmo com tantas leituras e opiniões, além dos pareceres anônimos, as opiniões aqui emitidas são de responsabilidade somente minha.

desejado, dada a não diferenciação das categorias quando já não se entende como suficiente a versão segundo a qual o Mundo é traduzido pelo Antropoceno (em sua descrição branca, cisheteronormativa, quase sempre estadunidense ou em alguma versão de certa parte da Europa) (Colebrook, 2021), e que poderia resumir parte deste texto a seguir, desde que se tome isso como prolegômeno. Discutir formas de se entender do que se trata, portanto, este fim do mundo em Jacques Derrida, ao longo de sua obra, tendo em mente que estes termos se articulam perante a ideia da morte do outro (do ser amado), parece ser uma descrição que, de certa maneira, faria um tanto mais de justiça, mesmo vendo no prolegômeno a recusa à demora da explicação. Ao inserirmos a literatura na conta, então, a ressalva parece precisar ser minimamente dupla, dado que a instituição em si também coloca, à Filosofia, diversas questões dificultosas de respostas simples, a menos que lembremos da responsabilidade daquele a assinar toda e qualquer construção textual endereçada como também um sujeito envolvido no processo de construção do conhecimento.

Se o fim do mundo já não pode se justificar, enquanto prolegômeno, como o fim do Mundo, ponto a ser então provado por este texto, a outra parte de enfoque talvez seja dupla: a intervenção pensada na literatura que, por um lado, pareceria confirmar o visto em Derrida (no qual o fim do Mundo é o fim de um mundo sempre que uma pessoa amada morre), ao se entrelaçar excertos de Joan Didion (2022) e Michelle Zauner (2022), assim como também revisar textos e intervenções filosóficas segundo as quais o fim do Mundo (da categoria antropocêntrica criada pela filosofia “ocidental”) não só é desejado, como também já demorara em demasia para acontecer — e esta de alguma forma estaria também representada pela literatura, como em Jennette McCurdy (2022).

De outra maneira ainda dita, o texto resgata momentos na literatura de modo que se complique o argumento segundo o qual o fim do mundo sempre estaria aqui para ser adiado, conforme o mesmo passa a ser entendido através da percepção de que se deve a partir dali andar só, sem a pessoa amada, ao mesmo tempo no qual se repete, mais uma vez, que certos termos aqui aparecerão à exaustão. Repetição de vocabulários, retorno a expressões: algo passível há muito tempo de se considerar como excessivo e fora do padrão da norma culta aqui será utilizado não como recurso para ser acusado de paroxismo, retóricas do excesso ou qualquer outra função geralmente associada à desconstrução, como se a mesma significasse destruição de um modo de ser, ver e estar na linguagem (que Rorty [in Critchley et al., 2017], por

exemplo, enxerga como metonímico ao modo que Derrida agiria no mundo), ou até mesmo uma nova fase do capitalismo internacional, a beirar alusões da desconstrução como um tipo de terrorismo (Arantes, 2021). Pelo contrário, o que se entende como repetição na desconstrução, às vezes com a utilização da mesma palavra, das mesmas ideias, muitas vezes na mesma síntese aporética a ser apresentada, é algo a marcar o pensamento de Derrida (2014) para indicar aquilo que a repetição em si faz, como no acontecimento: a reprodução e o aprofundamento de uma diferença entre termos que aqui se quer demonstrar como pré-existente à explicação em si, mas que se almeja, de certa forma, apontar, ao mesmo tempo, para uma outra relação no futuro.

E se a repetição importa também na literatura, ou a partir da instituição à qual se dirige não para buscar anuência aos pontos elencados, mas também a eles voltar, complicá-los e repensá-los a partir de uma demanda outra e infinita, é por vermos também, em uma escrita traumatizada, como a escrita enlutada, que termos, eventos e memórias não se encerram em uma função etapista/simplista, na qual dizer uma vez basta. Se, para Derrida, a função de uma autobiografia é também a de lembrarmos que tal texto está ali para ser ouvido, logo, tornando-se uma *otobiografia* (Derrida, 2021), tentaremos, neste texto, encontrar os momentos nos quais as autoras, em seus mais diversos endereçamentos, também estão, a partir da escrita de seus lutos, tentando não só se endereçar a um outro que lhes ouça, que lhes conceda um ouvido para trabalhar a dor, mas também que estejam em busca de ouvir-se a si, com o perdão do redobramento.

A partir de uma junção entre a teoria e a literatura, sem pressupor anterioridade de qualquer parte, observaremos como a perda de uma pessoa amada não só alocuta uma necessidade de escuta para o eu-enlutado, mas também produza o entendimento de si como um eu-outro e, logo, precise, nessa cisão de si-consigo, ser seu próprio ouvido e tradutor, dando continuidade no processo do luto para ver seu próprio mundo anterior chegando ao fim e, assim, conseguir dali tomar outras atitudes, escolher outros caminhos e defender o que, deste mundo, permanecerá, voltando a se entender enquanto sujeito, todavia não necessariamente mais soberano como anteriormente pressuposto — mas, isso, ainda discutiremos.

Partamos para isso que se ensaia.

2 Da inevitabilidade do tremor: o fim do mundo como evento adiável

“Como não tremer” (2010), título de uma das últimas palestras lidas em vida por Derrida, remete a uma fala separada por mais de duas décadas, “Como não falar: negações” (reunida no volume *Résistances de la psychanalyse* [1996]). Não falar é tão impossível quanto não tremer, ainda que por motivos diferentes. O primeiro termo se realiza dentro de uma explicação de Teologia Negativa e, de forma brusca e rápida (dado que não estamos neste escopo), aquilo a ser lido como um exercício de não falar a respeito de Teologia, em Heidegger, como vê Derrida, é um exercício de falar a respeito dos termos, de fato, já levando em consideração uma forma de se teorizar os mesmos: alegar, como Heidegger, que não se fala a respeito de Teologia (de certa forma) é falar (de outra).

Já tremer tem outra relação intrínseca não só com o que pode vir a significar tremer, o t(r)emor, mas também com o próprio contexto de enunciação a que Derrida se submete e se propõe a discutir. Pensado em correlação a verbos nos quais o sujeito teria pouco ou nenhum controle, tremer é uma ação vinda de certa forma de um fora que é dentro, porque o sujeito a tremer percebe-se tremendo, ainda que não tenha controle de seus tremores e não consiga de fato fazer tremer: somente treme-se. Como não tremer é de impossibilidade tamanha, a abalar a própria noção na qual o sujeito seria o dono de si e de suas ações,² entende-se que, se tremer é, então, gerado por algo que está ao mesmo tempo aquém e além do sujeito e no sujeito, tremer-se é de um controle impossível — coloca-se, como conclusão, a própria constituição do sujeito enquanto um soberano de si em suspeição, categoria que precisaria ser, minimamente, repensada (Derrida, 2010).

A figura do tremor causado pelo abalo da quimioterapia em Derrida,³ que não deixou de tentar exercer seu papel de filósofo até o último momento, faz com que o

² Tal qual prevê a análise gramatical quando sugere que há alguém fazendo algo na maior parte das categorias enunciativas.

³ Não se insere esta nota somente a título de curiosidade, mas sim, por se considerar que o papel do câncer no pâncreas que atinge Derrida é importante e o acompanha, sendo a causa de sua morte. Tendo como últimos objetos de trabalho questões voltadas à soberania e já tendo enterrado diversos de seus amigos, os últimos trabalhos de Derrida passam a versar sobre a inevitabilidade do fim, da morte como o fim de um mundo, e daquilo que, de alguma forma, surgiria após a morte. Se o evento do fim do mundo não é uma potência a existir fora do domínio da possibilidade narrativa (ou seja, na literatura) a respeito do mesmo (afinal, se há possibilidade de deixar testemunho, o mundo não acabou), a morte de alguém deve, também, poder indicar algo que faça deste fim um fim sem fim. *Sobrevivência*, para Derrida (2007), se torna a possibilidade de entender como o nome sobrevive ao fim do corpo, através da ideia de que o filósofo, após a sua morte, continua vivo a partir de sua obra e daquilo a ainda ser feito em seu nome: ou seja, o que importa, em uma certa escala, é também a relação a ainda ser construída com os leitores do filósofo, aqueles que seriam os capacitados para manter a obra e, de certa forma, a própria presença não mais presente, do autor em si.

raciocínio ali estabelecido demonstre também que, se o sujeito a ali se pronunciar passa a ser entendido como soberano, há algo a obrigatoriamente ser revisto na soberania em si, como durante o último ciclo de seminários dado em vida, *A besta e o soberano* (Derrida, 2011; 2018). Em seu primeiro módulo, sugere-se a necessidade de se repensar o quão bestial precisa ser o soberano para que a soberania seja entendida como aquilo que ela é — ao lê-la como o controle da violência e do poder da lei a gerar, ao mesmo tempo, alguém (o soberano) a quem a lei não se aplica, sendo esse também o aplicador das mesmas, encontrando-se, de certa forma, tão dentro do quadro legal quanto fora dele —, chega-se à conclusão na qual o soberano seria tão bestial, teria em si tanta *bestice*, quanto a besta a permanecer julgada pelo lado de fora da lei (Derrida, 2018).

O segundo momento, no entanto, muda o foco das leituras de Derrida, quando passa a se dedicar a duas obras, somente duas, que acompanharão as seções de seu último, derradeiro, seminário em vida: *Robinson Crusoe* e os *Seminários* de 1929-1930 de Heidegger. Ao buscar repensar a solidão da besta soberana, Derrida revisita a construção de que todos seriam ilhas, pequenas unidades solitárias, mas que sempre são assim determinadas porque já se pressupõe a constante busca e ida para o Outro, a ponto de se concluir que as bestas nunca estão, de fato, sozinhas (Derrida, 2011). Tal ponto aqui importa, o da solidão e da determinação da besta como uma ilha, como uma unidade de mundo a princípio fechada em si, para indicar que, dada a finitude da existência, toda morte pode vir a ser considerada um fim de Mundo, um fim de um mundo (Derrida, 2011; Naas, 2014).

O marido que morre subitamente após o comprometimento de 95% da artéria descendente anterior esquerda, a fazedora de viúvas, enquanto a filha está no hospital após um acidente vascular cerebral: este é o cenário-base para a descrição de *O ano do pensamento mágico* (2022), de Joan Didion. O acontecimento, a perpassar todo o livro, é a tentativa de repensar o que de fato fora o primeiro ano sem o marido, dado que esse marca não só o fim de um casamento de quarenta anos, mas também o fim de toda uma vida segundo a qual Didion entendeu chegar ao fim: a vida levada por ela, sendo reconhecida de acordo com aquilo que o marido via nela.⁴

⁴ A filha hospitalizada e em um frágil estado em *O ano do pensamento mágico* também faleceu. A narrativa do luto de Didion com a morte de Quintana, no entanto, só será narrada em *Blue nights* (2018).

A figura utilizada pela autora, ao fim de sua reflexão, mais de uma vez, é a do terremoto, *tópos* usado para abrir um de seus livros anteriores, *Democracy*, assim como para repensar a instabilidade de uma ilha no meio Pacífico, surgida de erosões em cordilheiras, a poder, assim como tendo sua existência comprovada, rapidamente desaparecer. *O ano do pensamento mágico* se encerra da seguinte forma:

Penso em quando entrava com ele na gruta em Portuguese Bend, na ondulação de água transparente, na forma como ela mudava, na rapidez e na força que adquiria ao estreitar-se por entre as rochas na base da falésia. A maré tinha que estar no ponto certo. Tínhamos que estar na água no exato momento em que a maré atingia o ponto certo. Só conseguimos fazer isso meia dúzia de vezes, no máximo, nos dois anos que moramos lá, mas é disso que me lembro. Todas as vezes que o fazíamos eu ficava com medo de perder a elevação da água, de ficar para trás, de calcular mal o tempo. John nunca tinha medo. Era preciso sentir a mudança na ondulação. Era preciso acompanhá-la. Ele me falou isso. Não havia ninguém olhando por nós, mas ele me disse isso (Didion, 2022, p. 236).

O primeiro ano que se passa na narrativa sem o marido fora o período após o terremoto como acontecimento derradeiro: o fim de uma vida juntos significava, necessariamente, que a partir dali uma errância solitária pressuporia também um certo esquecimento, confusão de datas, um não mais ser olhada por alguém que sempre por ela olhava, mesmo quando ninguém mais ali estivesse, um aprender novamente a acertar o tempo da ondulação dentro da gruta.

A determinação abrupta do fim encerra uma vida que agora se repete na ausência do ser amado: a violência do tremor de terra como algo no qual se prevê, mesmo sem se saber como ou de qual forma afetará as pessoas ao redor, é possivelmente a metáfora que faz ser impossível não ser tremido pelo temor que a morte do amado traria, mesmo inevitavelmente se tendo a certeza de que alguém na relação morreria primeiro. Quando isso se concretiza, a certeza final é a de a ali só lhe restarem as consequências (mudança dos nomes nos talões de cheque, voltar a escrever sem ter um leitor prévio, ter que aprender a não estar sempre certa e, agora, sozinha), mas também em um constante exercício de que a sobrevivência do ser amado a partir dali dependeria única e exclusivamente da memória: dos pratos repetidos no Natal, da louçaria utilizada a agora ser o conjunto que seu marido guardara desde antes de seu casamento e da primeira vez em que assinara um formulário como viúva.

O livro de Didion, ao situar o ano passado no ano presente, confirma e dá testemunho de forma derradeira para o acontecimento da morte, ao mesmo tempo

resistindo a transformar tal fato em uma sentença de esquecimento: narrar o ano sem John, o primeiro ano sem o marido, é recontar como toda uma história de vida passa a ser revista agora por Didion sendo (re)entendida e (re)lida como a última vez que se sentira como indivíduo sem John, com 29 anos de idade. O sentimento de que voltara a ser jovem está ligado ao fato de que tinha tal idade antes do casamento, mas o retorno a esse modo de se entender enquanto indivíduo já é forçoso: é impossível esquecer tudo o que até ali acontecera.

O fim da vida do marido encerra não só a vida e o futuro que John teria: coloca também como óbito uma série de maneiras pelas quais Didion também se entendia, sejam elas o que quer que significassem a partir de seu entendimento particular (esposa, companheira, jornalista) e agora se tornam uma coisa outra. Esse futuro, no entanto, cujos gonzos do tempo agora batem em descompasso, não deixa de ser algo que relê o passado no presente, dado que a marca ali deixada pela pessoa amada caracteriza o fim de todo um mundo que não se quer deixar para trás: os 40 anos passados estarão sempre em repetição — na memória, no afeto, indicando ainda outras formas de ver, ser e estar no presente e no futuro, junto daquele que agora ali só pode existir enquanto rastro, *sobrevivência*, de acordo com aquele que fica.

Derrida, ao dizer adeus a Gilles Deleuze, tenta formular da seguinte maneira algo que passo a sugerir como forma de leitura em Didion:

Continuarei ou recomeçarei a ler Gilles Deleuze para aprender e terei de errar só nesta longa conversa que deveríamos ter tido juntos. Minha primeira questão, creio, diria respeito a Artaud, à sua interpretação do “corpo sem órgãos”, à palavra imanência, que ele sempre usou para fazê-la dizer ou deixar de dizer alguma coisa que ainda permanece sem dúvida um segredo. E tentaria lhe dizer porque seu pensamento nunca me abandonou em quase 40 anos. Como ele o fará daqui para frente? (Derrida, 1995, n.p.).

As questões, os desejos, a forma de olhar para si como marcada pelo outro durante 40 anos: tais fatos não deixam de existir porque o outro deixou de estar ali ao lado daquele que enuncia a importância desse encontro, dessa marca deixada ao longo do espaço-tempo. No entanto, as questões, as observações e o modo de viver e existir que deixam para ser tarde demais agora precisam de uma outra formulação possível, dentro dessa maneira de ver o mundo, que depende de um certo luto de nova origem, não de um luto de origem primeira⁵. Dado que o eu cindido já se

⁵ “Ele tem origem na imagem captada, de si e para si, como reconhecimento do outro nele. Talvez aqui a forma da “*incorporação paradoxal*” [...] do espectro da qual fala Derrida, em que a aparição é sempre

encontra, no mínimo, duplamente cindido: separado do outro e separado do outro que era o eu junto deste primeiro outro.

Derrida e Didion parecem apontar para uma forma de garantir que aquilo a ainda a ser visto, lido e trabalhado em si, em nome do outro, só pode (e deve) existir enquanto lembrança de modo que este mundo, mesmo que já tenha deixado de existir, possa ser uma coisa outra, um mundo novo, um outro novo mundo, dado que ali já se anuncia uma nova forma de viver, um mundo porvir. Dessa maneira, mesmo sendo desejoso garantir a impossibilidade do fim do mundo, dado que o tempo passa e já se encontra registrado como lembrança daquilo a não mais voltar, pode se observar nessa tentativa de escrita enlutada pela violência da perda a tentativa de criação não só de novos registros do passado, mas outros possíveis entendimentos de como se pode viver, já sabendo da imensa novidade da vida que a partir dali passa a ser vivida. Nem Derrida, nem Didion, terão a pessoa amada na situação escolhida da enunciação para dividir o caminho, mas seguem vivendo de uma forma na qual uma outra solução é possível e a ainda poder ser chamada disso: a vida da sobrevivência desse mundo cujo fim não se encontra tão determinado como se poderia crer.

“Ela só era culpada por se preocupar demais. Agora eu tenho essa percepção, **mas só quando olho para trás**”⁶ é uma das conclusões a que chega Michelle Zauner em *Aos prantos no mercado* (2022), quando rememora sua infância e rebeldias adolescentes, tempo em que a mãe ainda estava viva. Tendo falecido em decorrência do agravamento de um câncer, o laço que passa a ser revisto para não se perder algo é o que determina como a autora, em sua estreia literária, tenta se entender.

Filha de mãe sul-coreana e pai estadunidense, vivendo no estado de Oregon desde pequena (nascida em Seul), Zauner tenta restabelecer o que para ela antes estava garantido pela existência da mãe viva — seu entendimento enquanto alguém, na diáspora, que carregava consigo não só o lado branco da família. A alimentação é ponto chave nessa maneira de enxergar a mãe pela diferença, que passa pela mudança de entendimento de mãe-não-tão-mamãe (por não ser como as mães

já uma reaparição do desaparecido. Paradoxal, exatamente porque não há incorporação possível já que o devir-corpo do espectro permanece como essa espécie de resto entre corpo e espírito, alcançando apenas uma temporalidade que está desajustada, disjuntiva, nem totalmente presente, nem totalmente ausente. Aquele que desapareceu apresenta essa dificuldade do nome – impossível de ser traduzido por um simples trabalho de luto – e insiste, portanto, em continuar reaparecendo, como que tomado de sua chegada também impossível. Qual seria o acontecer do espectro? Enquanto aparição, sua vinda se demora, voltando” (Eyben, 2019, p. 21).

⁶ O destaque é nosso.

brancas de seus colegas de classe), para uma mãe-tão-mãe como sua mãe sul-coreana era:

Lembro dessas coisas com clareza porque era assim que a minha mãe amava a gente, não por meio de mentirinhas inócuas ou afirmações verbais constantes, mas com observações sutis em relação ao que nos trazia alegria, guardadas para que a gente se sentisse reconfortada e cuidada sem nem perceber. Ela lembrava se você gostava de ensopado com caldo extra, se era sensível a temperos, se detestava tomate, se não comia frutos do mar, se tinha um grande apetite. Lembrava de qual prato de *banchan* você costumava comer primeiro para que, na próxima vez que viesse para uma refeição, ela pudesse oferecer uma porção dupla transbordando, servida de acordo com as suas preferências (Zauner, 2022, n.p.).

O fim do mundo de Zauner se encontra premeditado exatamente por não ter como repetir, a não ser pela memória, aquilo que a autora passa a entender como a forma mais genuína de amor, de uma mãe sul-coreana. Os laços pela alimentação se encontram cindidos e, a partir daquele evento que encerra seu mundo da maneira como ela o havia entendido até aqui, é necessário criar uma nova forma de vida: o trabalho de luto conforme passa a ser descrito por Zauner é uma forma de tentar garantir que este seu mundo, como alguém da diáspora, não se encerre agora que a mãe, a única de sua família a falar coreano e a saber fazer todos os pratos adorados pela filha, sem sequer precisar de uma receita, se foi.

“Não há referencial comum que me obrigue a crer que um luto pessoal é menor em seriedade que uma guerra nuclear” (Derrida, 1987, p. 367, tradução nossa): através da assertiva derridiana, em plena Guerra Fria, quando o medo do que seria possível a partir de um conflito nuclear parecia apontar para mudanças profundas no modo de sociabilização entre grandes potências (entendidas como soberanas, dado o domínio dos meios de gerar violência), observa-se, talvez da forma mais resumida possível, o argumentado até aqui. É pela sensação e pelo medo de que uma experiência moldadora de toda uma vida até o momento enunciatório⁷ chegaria ao fim derradeiro e nada sobreviveria ao dissolver do tempo, capaz de fazer a construção das memórias de *Aos prantos no mercado* passar a observar maneiras possíveis de garantir o adiamento do fim do fim, que significaria o apagamento de não só um laço, mas de uma identidade por completo.

⁷ Zauner, por exemplo, tinha 25 anos quando sua mãe morreu, idade que era frequentemente mencionada por essa como a que mudaria tudo.

Dado que o fim do mundo já acontecera pelo falecimento da mãe, só restaria uma ação, portanto: chorar em demasia, entrar aos prantos no H Mart para ali poder, ao mesmo tempo em que se tentasse manter viva a memória da mãe, buscando temperos e comidas para uma semana completa, estabelecer como verdadeira e derradeira a noção de ali se experimentar também um fim de mundo, o fim de um mundo. Ver outras pessoas mais jovens com suas mães nas praças de alimentação do H Mart, observar como senhoras puderam envelhecer, fato agora impossível para sua falecida mãe, causavam em Zauner um sentimento de raiva, percepção de que a vida estava sendo somente uma coisa: injusta.

Zauner segue narrando as escolhas feitas para poder continuar sobrevivendo ao longo dos anos, seus trabalhos temporários, as diversas ocupações profissionais fora de sua área de formação para tentar, em algum momento, voltar a se dedicar ao que gostaria de fazer (música), também isso ganhando outro senso de urgência, naquilo a ser recuperado pela autora após a morte da mãe. Ao tentar acompanhar e oferecer cuidado a quem um dia cuidou dela, Zauner se dedica a aprender receitas coreanas em sites na internet, perguntando à mãe diversos detalhes sobre o que ela gostava e, mesmo após o falecimento, é através da culinária que se torna possível observar um gesto de manutenção daquele mundo a ainda ali existir, mesmo dado o fim de uma das pontas a segurar essa conexão diaspórica.

No entanto, que o livro termine em um karaokê na Coreia do Sul, após a primeira turnê com sua banda, Japanese Breakfast, divulgando o material do álbum *Psychopomp* (2016), contendo músicas que referendavam a dor da perda materna (sendo uma foto da mãe também a capa do álbum), indica já um outro caminho junto do pranto, uma forma de passado no presente que não prevê no trabalho de luto somente uma solução de superação etapista na qual o passado deve ser resolvido.⁸ Zauner, ao terminar tentando entoar a língua de sua mãe da melhor maneira que conseguia, revivendo ali algo que estava no fundo de sua memória ao tentar cantar “Coffee Hanjan”, indica não só uma vida dentro de um mundo agora marcado pela perda, pela inevitabilidade de uma existência marcada pelo pranto da despedida da presença, mas também uma forma de continuar fazendo com que presente, passado e futuro continuem indicando uma relação mútua com o antepassado. O cuidado é

⁸ Depois de *Psychopomp*, a banda já tem lançados outros dois álbuns de estúdio, *Soft Sounds from Another Planet* (2017) e *Jubilee* (2021), entre outras formas mais compactas de lançamentos.

símbolo máximo a ali permanecer, na crença que se altera a partir da experiência da perda, mudando até mesmo a fé em uma entidade superior à metafísica, ao imaginar sua mãe com o joelho no pescoço de Deus, buscando garantir que a filha estivesse bem, fazendo o que sempre quis fazer.

3 Complicações: talvez o fim do mundo seja, de fato, interessante

Até aqui, através do exercício de manter vivo o ser amado já falecido pela memória, pela culinária e pela escrita, viu-se que o fim do mundo seria uma experiência tanto pessoal e intransferível, dada a inevitabilidade da particularidade do luto, quanto algo a ser sempre adiado para que o ser amado permaneça ainda mais um pouco, sobrevivendo.

Derrida, ao fim de sua vida, depois de muito falar em funerais e criar homenagens para amigos e pessoas queridas que faleceram primeiro, escreve seu próprio bilhete final, a ser lido pelo filho em seu funeral, quando do acontecimento derradeiro: sua morte. A mensagem, em sua economia, suplica aos que ficaram: não se entristeçam, permaneçam unidos e rememorando os momentos felizes divididos juntos, assim como ele o faria, independentemente de onde quer que estivesse. No fim, um único lembrete possível: sorriam para mim, como estarei sorrindo de volta para vocês (Derrida, 2005).⁹

A pergunta final, todavia, é a seguinte: seria todo e qualquer mundo uma representação necessária do Mundo, a ponto de precisar seguir viva na memória sempre com um sorriso, com um abraço na permanência do passado, para que tal mundo não chegue sempre no fim?

Como dito no início: se o Antropoceno é a categoria que iguala o Mundo, no modo de olhar em voga, à versão Moderna do mesmo, isso significa que seus pilares estão ali mantidos, ou seja, a colonização, a desigualdade no capitalismo, a violência das guerras, a exploração baseada na violência antinegro, que fazem do Mundo uma construção supremacista branca, assim como uma versão do Antropoceno (Colebrook, 2021; Yusoff, 2019). Pensar modos nos quais essa delimitação não esteja em suspeição, mas se aceitando negociar em torno das mesmas, com a possibilidade

⁹ Derrida escolhe essa saída, a escrita de um bilhete prévio, para não transferir a alguém a responsabilidade de falar em seu funeral. Esta mesma frase se encontra também no bilhete que o filósofo escreveu (Derrida, 2005).

de encobrir, através da teoria, a possibilidade de manter a submissão de uns perante outros, continua fazendo das categorias algo validado, endossado e, logo, atribui-se critério de concordância com a destruição de uns em detrimento da sobrevivência de outros (Colebrook, 2019).

Sendo assim, se é esta a versão que mais se teria certeza como a que estaria sempre possivelmente chegando ao fim, não seria de bom tamanho que o atestado final de óbito da mesma por fim chegasse, ao invés de desejar seu adiamento do fim, ou mesmo reparo nas arestas? Além disso, caso o fim do Antropoceno fosse, finalmente, atestado, isso continuaria dando voz a somente um fim de mundo, e não do Mundo. Caso o segundo, ou seja, o fim de toda a existência de um planeta, fosse aquilo a ser atingido, estaríamos, necessariamente, como em Derrida (1987), no domínio do literário. Para que o Mundo como um todo chegue ao fim, seria necessário prever a não existência de sobrevivente algum¹⁰ capaz de atestar tal fato: logo, a ideia na qual o Mundo deixaria de existir é tão fabular e fabulosa quanto a dependência na crença de que o Antropoceno corresponde à unidade Mundo, não a uma unidade-mundo.

Tendo como ponto de partida a morte da mãe para um câncer recorrente, Jennette McCurdy reconta, em *I'm glad my mom died* (2022), toda sua trajetória: de atriz-mirim aos dias mais atuais, a partir do trauma gerado pelo constante abuso emocional que só fora assim caracterizado após o início da terapia. Quando reconta tudo o que ocorrera não só após os últimos momentos de sua mãe em vida, McCurdy expõe o que se tornou a experiência total de viver o sonho de outra pessoa, para fazer a pessoa amada feliz: realizando o que era o desejo da mãe, quando se torna atriz e passa a controlar toda e qualquer caloria que ingere,¹¹ assim como passa a ser a maior fonte de renda da família, a autora tenta reelaborar, mantendo de certa forma uma impressão que já sabe dos fatos futuros, um retrato de abuso a partir da transferência dos desejos da mãe para a filha. Entre distúrbios alimentares, abuso de substâncias e violência sexual, a narrativa que se desenha a partir de uma mãe acusando o pai de traição termina com a revelação contrária de que Jennette (e todos os seus irmãos) na verdade representou, naquela situação familiar, o elemento vivo

¹⁰ Nem mesmo sequer uma pequena bactéria.

¹¹ McCurdy relata que a anorexia foi induzida pela mãe, como solução quando a filha lhe relatara que seu corpo estava passando pelo processo de mudança (a puberdade), cuja consequência era o fim de sua imagem infantil, podendo lhe prejudicar na hora da realização, por exemplo, de testes para novos papéis.

da traição da mãe perante o pai, não o contrário, como a mãe sempre sugeriu dentro do cenário familiar.

A narrativa que começa com McCurdy dizendo à mãe em seu leito de morte que conseguira perder mais alguns quilos, imaginando que isso a faria acordar do coma, termina com a promessa de que a narradora nunca mais voltaria ao túmulo da mãe. A marcação de uma formação às avessas, fazendo amor e abuso andarem *pari passu*, faz com que a própria construção do testemunho ali a ser escrito indique a violência que não só o evento do fim de um mundo em si, mas de tudo aquilo que precisaria ser reconduzido, revisto e reelaborado a partir dali, não só coloca em questão os papéis ali distribuídos e tidos a partir de um ideal de sociedade que poderia, porventura, se chocar a partir do próprio título do livro (a evocação da felicidade a partir da morte da mãe), mas como também reconduz para o futuro uma espécie de possibilidade outra, de novas formas de mundo que, todavia, não se encontram totalmente disponíveis, dado que o Antes e o Depois, dentro do livro, se mostram em posições quase equivalentes de conteúdo (em termos de capítulos escritos para cada momento da vida antes do acontecimento derradeiro).

McCurdy ao narrar, mesmo após sair da casa de sua mãe, os constantes abusos, as mensagens às dezenas, as ofensas seguidas de pedido de dinheiro para a troca da geladeira, demonstra a impossibilidade de simplesmente seguir em frente, *sobrevivendo*, dado que a sobrevivência dentro de um estado de abuso significa a permanência de um mundo no qual é impossível se afastar daquilo mesmo a garantir sua própria existência: o laço materno. Após o falecimento de sua mãe e da entrada em programas de reeducação alimentar, o sentimento de culpa que atravessa a narradora em toda e qualquer ação demarca a profundidade capaz de questionar, até mesmo, se seria possível ser feliz mediante somente a morte da abusadora.

São tamanhas as violências e as relações de uma espécie de transferência relatada por McCurdy, nos relacionamentos abusivos com homens casados e ex-namorados cuja saúde mental também se encontrava prejudicada na época do relacionamento, garantindo a ambos uma permanência cuja toxicidade só traria às partes a certeza de se sentirem em um navio afundando, que mesmo o fim do mundo com a morte da mãe não indica somente um futuro a ainda ser pensado no qual se poderá ser feliz, mas sim, a obrigatoriedade de, em algum momento, ser necessária a reflexão sobre quais são os termos até então tão caros: amor, felicidade e como

esses são traduzidos a partir de uma paralaxe relacionada ao abuso nem sempre só emocional.

O testemunho do fim do mundo consegue, assim, descrever certa felicidade a respeito da chegada de seu fim, ainda depois da sobrevivência do que se alega ter chegado ao fim da existência derradeira. A felicidade da garantia do fim do mundo, daquele mundo em específico, é também uma manutenção da certeza de que o morto, a partir do momento no qual é entendido como um, assim precisa continuar sendo, para que os vivos, agora, possam aprender a viver.

4 Considerações finais

Aprender a viver *finalmente* (Derrida, 1994) passa a ser a questão principal de quem, como testemunha do fim de um mundo, passa a descobrir aquilo que poderia considerar como algo a ser chamado de vida, dado que, nos conflitos até ali criados pela permanência violenta da vontade de um em detrimento de outro, o até então visto passa a não poder ser caracterizado como uma existência plena. Dessa forma, por fim, é no fim do mundo que, finalmente, se aprende a viver, se aprende a sorrir.

O luto, enquanto violência primordial que cinde o sujeito em duas grandes versões de si, instaura um evento na vida da pessoa enlutada a se aproximar do fim do mundo e, talvez, da única experiência possível de fim de mundo a ainda existir, caso pensemos que o fim do mundo só pode ser experienciado caso se deixem testemunhas. Diferentemente de noções nas quais o mundo de fato acabara e o testemunho fora gerado por pessoas outras (como os extermínios indígenas causados pela colonização portuguesa, assim como a escravização de africanos e o posterior extermínio em todo o processo de saída forçosa da África até a chegada no Brasil, assim como a consequência do tipo de vida aqui vivido baseada na violência antinegro), o testemunho do fim do mundo a partir da pessoa amada só pode ser fabular e fabuloso, como a literatura.

Se o Antropoceno, quando pensado como a categoria máxima de exploração do binômio natureza/cultura, precisa ser melhorado para que a Terra continue existindo, assim, evitando-se o fim do Mundo, categoria máxima de análise, o que se percebe é o já dito: a permanência da insistência por dentro do binômio, supondo a necessidade de existência da humanidade dentro do planeta, sem perceber a possibilidade de que, caso o fim do mundo realmente chegasse ao fim, qual seria tal evento? O fim da

humanidade ou o fim do planeta? Ao individualizar a instância de tal acontecimento, Derrida tenta mostrar, a partir de suas leituras, a dependência um tanto menos autocentrada do conceito de humano, elidindo as barreiras que separam de maneira tão evidente os determinantes do domínio natural e do humano, a tanto sustentarem dicotomias que, cada vez mais diferenciadas, geram conceitos como o próprio Armagedom.

A morte a, de certa forma, nos apequenar, também relativiza a existência do sujeito soberano ao deixar, como possibilidade de sobrevivência, a necessidade de repensar quem serão os portadores da memória, aqueles a conseguir reescrever a história a partir do acontecimento final e derradeiro. Os novos donos do arquivo, os arcontes (Derrida, 2001), selecionam não só o que será guardado no grande museu da memória, ao simbolizar algo a ser chamado, por exemplo, de obra do filósofo, ou da imagem da pessoa agora morta, mas também a maneira pela qual tal vida será narrada e tal pessoa será lembrada: a possibilidade de dissenso, para ser garantida, implica também um outro arquivo, novos arcontes, outras relações e testemunhos a partir do evento do fim.

Dessa forma, o morto, aquele a precisar se manter assim para que os vivos possam continuar vivendo, simboliza o ponto final e máximo de algo que está sempre a sondar os vivos, a possibilidade da morte (Derrida, 2007). Fabular sobre ela não implica uma realização e ciência a partir do momento exato de seu acontecimento, dada a impossibilidade de se imaginar a chance de testemunho do evento, mas aquilo a ser gerado após a inevitabilidade de sua chegada, se assemelhando a, por fim, novas formas de aprender e reaprender o visto e o vivido até então. Como o último desejo de David Foster Wallace em um discurso de paraninfo (2012): muito boa sorte.

THE END OF THE WORLD STILL TAKES TIME: NEW MISSIVES IN THE NAME OF JACQUES DERRIDA, FROM LITERATURE

Abstract: The essay has three parallel movements, which seek to relate a non-overlap between theory and practice, when analyzing literary excerpts around mourning writings. At first, Derrida's assumptions around the end of the world are presented, not as a unified category, that is, the World, but rather as an equalization according to which, from the death of a loved one, one arrives at the end of a world, specifically. At that moment, it is presented, along the first movement, the second one, which shows certain passages from *The year of magical thinking*, by Joan Didion, and *Crying in H*

Mart, by Michelle Zauner, in such a way as to manage some continuity to the Derridian thought, along some ways to complicate it, proposing some questions to the equalization of the previous movement. Finally, the opposite is suggested, based on the notion according to which it is understood that the World, when described as one, is a Eurocentric and Modern version of the word, having the Anthropocene as its apex, and seeing in the end of the World a positive idea, a welcome one, as it puts the colonial, racist experience, that sustains the project of Modernity, to an end. This movement is supported by the work of Jennette McCurdy, *I'm glad my mom died*, before the essay's conclusion, which completes the previous movements and thus tries to think of the end of the world as an interpretive key for the living, from themselves to themselves.

Keywords: Jacques Derrida. Mourning. End of the world. Writing Loss.

Referências

ARANTES, Paulo E. *Formação e desconstrução: uma visita ao museu da ideologia francesa*. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2021.

CRITCHLEY, Simon; DERRIDA, Jacques; LACLAU, Ernesto; RORTY, Richard. *Desconstrução e pragmatismo*. Tradução de Victor Maia. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

COLEBROOK, Claire. Slavery and the Trumppocene: It's Not the End of the World. *The Oxford Literary Review*, v. 41, n. 1, p. 40-50, 2019.

COLEBROOK, Claire. Can theory end the world? *Symploke, Nebraska*, v. 29, n. 1-2, p. 521-534, 2021.

DERRIDA, Jacques. *No apocalypse, not now: à toute vitesse, sept missiles, sept missives*. *Psyché: inventions de l'autre*. Paris: Galilée, 1987.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho de luto e a nova internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. Terei que errar só (1995). Tradução de Luciana A. Penna. Disponível em <www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/03/mais!/21.html>. Acesso em 14 dez. 2022.

DERRIDA, Jacques. Comment ne pas parler. *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DERRIDA, Jacques. [Introduction]. *Rue Descartes*, Paris, n. 48, Salut à Jacques Derrida, p. 6-7, 2005.

DERRIDA, Jacques. ¿Cómo no temblar? Tradução de Esther Cohen. *Acta Poética*, México, v. 30, n. 2, p. 19-34, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Seminario. La bestia y el soberano*. Tradução de Luis Ferrero; Cristina de Peretti e Delmiro Rocha. Buenos Aires: Manantial, v. 2, 2011.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria B. M. N. da Silva; Pedro L. Lopes e Pérola Carvalho. Campinas: Perspectiva, 2014.

DERRIDA, Jacques. *A besta e o soberano — seminário*. Tradução de Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, v. 1, 2018.

DERRIDA, Jacques. *Otobiografias — o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Tradução de Guilherme Cadaval; Arthur Leão Roder e Rafael Haddock-Lobo. Copenhagen/Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021.

DERRIDA, Jacques; BIRNBAUM, Jean. *Learning to live finally: the last interview*. Nova Iorque: Melville House Publishing, 2007.

DIDION, Joan. *Blue nights*. Tradução de Ana Maria Mesquita. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2018.

DIDION, Joan. *O ano do pensamento mágico*. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2022.

EYBEN, Piero. Luto de origem: representar o que se reenvia como se.... *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 17-36, 2019.

MCCURDY, Jennette. *I'm glad my mom died*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2022.

NAAS, Michael. *The end of the world and other teachable moments: Jacques Derrida's final seminar*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2014.

YUSOFF, Kathryn. *A Billion Black Anthropocenes or None*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2019.

WALLACE, David F. Isto é água. *Ficando meio longe do fato de já estar meio longe de tudo*. Tradução de Daniel Galera e Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZAUNER, Michelle. *Aos prantos no mercado: memórias*. Tradução de Ana Ban. São Paulo: Fósforo, 2022. Edição digital.

Recebido em 14/02/2023

Aceito em 15/08/2023

Publicado em 27/08/2023